

Rinha de galos



Rinha de galos

María Fernanda Ampuero

Tradução de
Silvia Massimini Felix



9

Leilão

17

Monstros

23

Griselda

29

Nam

39

Crias

49

Persianas

57

Cristo

61

Paixão

67

Luto

77

Ali

89

Coro

99

Cloro

105

Outra

SUMÁRIO

Tudo que apodrece forma uma família.

FABIÁN CASAS

Sou um monstro ou isso é ser uma pessoa?

CLARICE LISPECTOR



LEILÃO

Em algum lugar perto daqui há galos.

De joelhos, com a cabeça baixa e coberta com um trapo imundo, concentro-me em escutar os galos, quantos são, se estão numa gaiola ou no galinheiro. Meu pai criava galos de briga e, como não tinha com quem me deixar, me levava às rinhas. Das primeiras vezes, eu chorava ao ver o galinho desnordeado na arena, e ele ria e me chamava de *mulherzinha*.

À noite, galos gigantes, vampiros, devoravam minhas tripas, eu gritava, e ele vinha à minha cama e voltava a me chamar de *mulherzinha*.

– Vamos lá, não seja tão *mulherzinha*. São galos, caralho.

Depois eu já não chorava ao ver as tripas quentes do galo perdedor se misturando ao pó. Era eu quem recolhia aquela bola de penas e vísceras e a levava à lata de lixo. Eu lhes dizia: adeus, galinho, seja feliz no céu onde há milhares de minhocas e campo e milho e famílias que amam os galinhos. No caminho, algum criador de galo sempre me dava uma bala ou uma moeda para que eu o deixasse me tocar ou beijar, ou que eu o tocasse e beijasse. Eu tinha medo de que, se dissesse isso ao meu pai, ele voltasse a me chamar de *mulherzinha*.

– Vamos lá, não seja tão *mulherzinha*. São criadores, caralho.

Certa noite, a barriga de um galo estourou enquanto eu o carregava nos braços como se fosse uma boneca, e descobri que aqueles homens tão machos que gritavam e ataçavam para que um galo rasgasse o outro de cima a baixo tinham nojo da merda, do sangue e das vísceras do galo morto. Assim, eu passava essa mistura nas mãos, nos joelhos e no rosto, e eles pararam de me importunar com beijos e outras idiotices.

Diziam ao meu pai:

– Sua filha é um monstro.

E ele respondia que mais monstros eram eles, e depois brindavam tilintando seus copinhos de bebida.

– Mais monstro é você. Saúde.

O cheiro dentro de um rinhadeiro é asqueroso. Às vezes, eu acabava adormecendo num canto, sob as arquibancadas, e despertava com algum daqueles homens olhando para minha calcinha sob o uniforme do colégio. Por isso, antes de adormecer, eu enfiava a cabeça de um galo entre as pernas. Uma ou muitas. Um cinto de cabeças de galinhos. Levantar uma saia e encontrar cabecinhas arrancadas também não agradava aos machos.

Às vezes, meu pai me acordava para que eu limpasse a sujeira de outro galo destripado. Às vezes, ele mesmo ia e os amigos lhe perguntavam para que merda servia a menina, se ele era um veadinho. Ele ia embora com o galo desventrado jorrando sangue. Da porta, soprava-lhes um beijo. Os amigos riam.

Sei que em algum lugar perto daqui há galos, pois eu reconheceria esse cheiro a milhares de quilômetros. O cheiro de minha vida, o cheiro de meu pai. Cheira a sangue, a homem, a sujeira, a bebida barata, a suor acre e a graxa industrial. Não é preciso ser muito inteligente para saber que este é um lugar clandestino, um local perdido no meio do nada, e que eu estou muito, mas muito fodida.

Um homem está falando. Deve ter uns quarenta anos. Eu o imagino gordo, careca e sujo, com camiseta regata branca, shorts e chinelos de borracha, imagino as unhas do mindinho e do polegar compridas. Fala no plural. Aqui há mais pessoas além de mim. Aqui há mais gente de joelhos, com a cabeça baixa, coberta por esse asqueroso pano escuro.

– É isso aí, vamos nos acalmando, que o primeiro filho da puta que fizer um barulhinho, eu meto um tiro na cabeça. Se todos colaborarem, todos vão sair inteiros daqui esta noite.

Sinto sua barriga contra minha cabeça e depois o cano da pistola. Não, não está brincando.

Uma garota chora alguns metros à minha direita. Acho que não suportou sentir a pistola na têmpora. Escuta-se uma bofetada.

— É isso aí, rainha. Aqui ninguém chora, você escutou? Ou já está com pressa pra ir cumprimentar papai do céu?

Depois, o gordo da pistola se afasta um pouco. Foi falar ao telefone. Diz um número: *seis, seis infelizes*. Diz também, *seleção muito boa, boa demais, a melhor em meses*. Diz que é imperdível. Faz uma ligação atrás da outra. Por um instante, ele se esquece de nós.

Ao meu lado, escuto uma tosse abafada pelo pano, uma tosse de homem.

— Ouvi falar disso — ele diz, bem baixinho. — Pensei que era mentira, uma lenda. Chamam-se leilões. Os taxistas escolhem passageiros que acreditam que possam render um bom dinheiro e para isso os sequestram. Depois os compradores vêm e escolhem seus preferidos ou preferidas. E os levam embora. Ficam com suas coisas, obrigam-nos a roubar, a abrir suas casas para eles, a dar-lhes seu número de cartão de crédito. E as mulheres. As mulheres.

— O quê? — pergunto.

Ele percebe que sou mulher. Fica calado.

A primeira coisa que eu pensei quando entrei no táxi esta noite foi *finalmente*. Apoiei a cabeça no banco e fechei os olhos. Tinha bebido algumas taças e estava muito triste. No bar, havia encontrado o homem pelo qual eu tinha de fingir amizade. Ele e a mulher dele. Sempre finjo, sou boa fingindo. Mas quando entrei no táxi, suspirei e disse a mim mesma *que alívio, vou para casa, para me acabar de chorar*. Acho que adormeci por um momento e, de repente, ao abrir os olhos, estava numa cidade desconhecida. Um polígono. Vazio. Escuridão. O alerta que faz o cérebro ferver: sua vida acabou de entrar pelo cano.

O taxista sacou uma arma, olhou nos meus olhos, disse com uma amabilidade ridícula:

– Chegamos ao seu destino, senhorita.

O que aconteceu em seguida foi rápido. Alguém abriu a porta antes que eu pudesse trancá-la, enfiou um saco na minha cabeça, amarrou minhas mãos e me enfiou nessa espécie de garagem com cheiro de rinhadeiro podre, obrigando-me a ficar ajoelhada num canto.

Escutam-se conversas. O gordo e mais alguém, e depois outro e outro. Chega gente. Ouvem-se risos e cervejas sendo abertas. O cheiro de maconha começa a se espalhar, e alguma outra dessas merdas com cheiro ácido. O homem que está ao meu lado faz tempo que já não me diz para ficar tranquila. Deve estar falando isso a si mesmo.

Antes, ele havia mencionado que tinha um bebê de oito meses e um menino de três. Deve estar pensando neles. E nesses sujeitos drogados entrando no condomínio fechado em que ele mora. Sim, deve estar pensando isso. Nele cumprimentando o vigia noturno, como faz todas as noites desde que seu carro está na oficina, enquanto aqueles animais estão no banco de trás, agachados. Ele vai enfiá-los em sua casa, onde está sua bela mulher, seu bebê de oito meses e seu menino de três anos. Ele vai levá-los para dentro de sua casa.

E não há nada que ele possa fazer quanto a isso.

Mais à frente, à direita, ouvem-se murmúrios, uma garota que chora, não sei se a mesma que chorou antes. O gordo atira e todos nós nos jogamos no chão, como podemos. Não atirou em nós, só atirou. Dá na mesma, o terror nos transpassou. Escuta-se a risada do gordo e de seus companheiros. Eles se aproximam, levam-nos para o centro da sala.

– Bem, senhores, senhoras, está aberto o leilão desta noite. Bem lindos, bem comportadinhos, vocês vão ficar aqui. Mais pra cá, minha rainha. Iiiiisso. Sem medo, linda, que eu não mordo. Assim está bom. Esses cavalheiros vão escolher qual de vocês vão levar. As regras, cavalheiros, são as de sempre: quem dá mais dinheiro leva a melhor mercadoria. As armas, deixem aqui

enquanto o leilão durar, eu vou guardá-las. Obrigado. Como sempre, é um prazer receber vocês.

O gordo vai nos apresentando como se dirigisse um programa de televisão. Não podemos vê-los, mas sabemos que há ladrões nos olhando, escolhendo-nos. E estupradores. Com certeza há estupradores. E assassinos. Talvez haja assassinos. Ou alguma coisa pior.

– Daaaaamas e cavalheeeeiros.

O gordo não gosta dos que choramingam nem dos que dizem que têm filhos nem dos que gritam desesperados *você não sabe com quem está se metendo*. Não. Gosta menos ainda dos que ameaçam dizendo que ele vai apodrecer na cadeia. Todos esses, mulheres e homens, já receberam pontapés na barriga. Escutei pessoas caindo no chão, sem ar. Eu me concentro nos galos. Talvez não exista nenhum galo. Mas eu os escuto. Dentro de mim. Galos e homens. *Vamos lá, não seja tão mulherzinha, são criadores, caralho.*

– Esse senhor, como se chama nosso primeiro participante? Como? Fale alto, amigo. Ricardooooooooo, bem-vindoooooooo, tem um relógio de marca e tênis Adidas dos boooooons. Ricardoooooo deve ter dinheirooooooooo. Vamos ver a carteira do Ricardo. Cartões de crédito, ohhhhhh, Visa Gooooold.

O gordo faz piadas ruins.

Começam a dar lances por Ricardo. Um oferece trezentos, outro oitocentos. O gordo acrescenta que Ricardo vive num condomínio fechado longe da cidade: Vistas do Rio.

– Ali onde nós, os pobretões, não podemos nem chegar perto. Ali é que mora o amigo Riquinho. Posso te chamar de Riquinho, não posso? Como o Riquinho Rico.

Uma voz horripilante diz cinco mil. A voz horripilante leva Ricardo. Os outros aplaudem.

– Vendido ao cavalheiro de bigode por cinco mil!

Nancy, uma garota que fala com um fio de voz, é tocada pelo gordo. Sei disso porque ele diz *olhem que tetas, que lin-*

das, que durinhas, que biquinhos e faz som de chupada, e essas coisas não são ditas sem tocar, e além disso, o que o impede de tocá-la, quem? Nancy parece jovem. Vinte e poucos. Talvez seja enfermeira ou professora. O gordo tira a roupa de Nancy. Escutamos que abre seu cinto e os botões e que arranca sua roupa íntima, embora ela diga *por favor* tantas vezes e com tanto medo que todos encharcamos nossos trapos imundos com lágrimas. Olhem esse cuzinho. Ai, que coisinha. O gordo chupa Nancy, o ânus de Nancy. Escutam-se lambidelas. Os homens atiçam, rugem, aplaudem. Depois, o investir de carne contra carne. E os urros. Os urros.

– Cavalheiros, não faço isso por depravação. É controle de qualidade. Dou um dez pra ela. É só dar um trato nela e nossa amiguinha Nancy fica uma delícia.

Deve ser linda porque oferecem, na hora, dois mil, três, três e quinhentos. Vendem Nancy por três e quinhentos. O sexo é mais barato que o dinheiro.

– E o sortudo que leva esse cuzinho delicioso é o cavalheiro do anel de ouro e do crucifixo.

Vão nos vendendo um por um. Do sujeito que estava ao meu lado, o do bebê de oito meses e o menino de três, o gordo conseguiu tirar toda informação possível e agora ele é um peixe muito graúdo para o leilão: dinheiro em várias contas, alto executivo, filho de um empresário, obras de arte, filhos, mulher. O cara é o bilhete premiado. Com certeza vão sequestrá-lo e pedir um resgate. Os lances começam em cinco mil. Sobem até dez, quinze mil. Vão até vinte. Alguém com quem ninguém quer se meter ofereceu os vinte. Uma voz nova. Veio apenas para isso. Não estava ali para perder tempo com bobagens.

O gordo não faz nenhum comentário.

Quando chega minha vez, penso nos galos. Fecho os olhos e abro os esfínteres. Isso é a coisa mais importante que vou fazer na vida, então vou fazê-la bem. Encharco minhas pernas, os pés, o chão. Estou no centro de uma sala, rodeada por delin-

quentes, exibida diante deles como gado, e como gado esvazio meu ventre. Como posso, esfrego uma perna contra a outra, adoto a posição de uma boneca estripada. Grito como louca. Agito a cabeça, balbucio obscenidades, palavras inventadas, as coisas que eu dizia aos galos, do céu com milho e minhocas infinitas. Sei que o gordo está a ponto de atirar em mim.

Em vez disso, arreventa minha boca com um tapa, minha língua se divide em duas com uma mordida. O sangue começa a me cair pelo peito, a descer por minha barriga, a se misturar com a merda e a urina. Começo a rir, desvairada, a rir, a rir, a rir.

O gordo não sabe o que fazer.

— Quanto dão por esse monstro?

Ninguém quer dar nada.

O gordo oferece meu relógio, meu celular, minha carteira. Tudo é barato, falsificado. Pega em meus seios para ver se a coisa se anima e eu guincho.

— Quinze, vinte?

Mas nada, ninguém.

Jogam-me num pátio. Encharcam-me com uma mangueira de lavar automóveis e depois me enfiam num carro que me deixa toda molhada, descalça, aturdida, na rodovia Perimetral.



MONSTROS

Narcisa sempre dizia deve-se ter mais medo dos vivos que dos mortos, mas não acreditávamos nela porque, em todos os filmes de terror, quem metia medo eram os mortos, os zumbis, os possuídos. Mercedes morria de medo dos demônios e eu, dos vampiros. Falávamos disso o tempo todo. De possessões satânicas e de homens com presas que se alimentam do sangue das meninas. Papai e mamãe nos compravam bonecas e livros de contos de fada e nós recriávamos *O exorcista* com as bonecas e imaginávamos que o príncipe encantado era na realidade um vampiro que despertava Branca de Neve para convertê-la em morta-viva. Durante o dia tudo bem, éramos corajosas, mas à noite pedíamos a Narcisa que subisse para nos acompanhar. Papai não gostava que Narcisa — ele a chamava *a doméstica* — dormisse no nosso quarto, mas era inevitável: dizíamos que, se ela não viesse, nós é que desceríamos para dormir no quarto da *doméstica*. Isso, por exemplo, lhe dava medo. Mais que o demônio e os vampiros. E então Narcisa, que tinha uns catorze anos, fingindo que protestava, que não queria dormir conosco, dizia isto, que se deve ter mais medo dos vivos que dos mortos. E achávamos uma estupidez, pois como você pode ter mais medo, por exemplo, de Narcisa do que de Reagan, a menina de *O exorcista*; ou do seu Pepe, o jardineiro, do que de Salem ou de Demian, o filho do diabo; ou do papai do que do Lobisomem? Absurdo.

Papai e mamãe nunca estavam em casa, papai trabalhava e mamãe jogava cartas, por isso Mercedes e eu podíamos ir todas as tardes, depois do colégio, alugar os filmes de terror da videolocadora. O atendente não nos dizia nada. Claro que sabíamos que na capa estava escrito para maiores de dezesseis ou dezoito, mas o menino não nos dizia nada. Tinha a cara

cheia de espinhas e era muito gordo, estava sempre com um ventilador apontando para o meio das pernas. A única vez que falou conosco foi quando alugamos *O iluminado*. Olhou para a capa, depois para nós e disse:

– Neste filme há umas meninas iguaizinhas a vocês. As duas estão mortas, quem as matou foi o pai delas.

Mercedes agarrou minha mão. E assim ficamos, de mãos dadas, com o uniforme idêntico, olhando para ele, até que nos entregou o filme.

Mercedes era muito medrosa. Branquinha, franzina. Mamãe dizia que eu comia tudo o que vinha pelo cordão umbilical, porque ela nasceu minúscula: uma minhoquinha, e eu, ao contrário, parecia um touro. Usavam esta palavra: touro. E o touro tinha que cuidar da minhoca, o que se podia fazer? Às vezes, eu gostaria de ser a minhoca, mas isso era impossível. Eu era o touro, e Mercedes, a minhoca. Com certeza, Mercedes teria gostado de ser o touro uma vez ou outra, e não andar sempre atrás de mim, à minha sombra, esperar que eu falasse e simplesmente concordar.

– Eu também.

Nunca eu. Sempre eu também.

Mercedes nunca quis ver filmes de terror, mas insisti porque uma garota do colégio disse que eu não ia conseguir ver todos os filmes que ela havia visto com o irmão mais velho porque eu não tinha irmão mais velho, eu tinha Mercedes, famosa porque era cagona, e eu não suportei aquilo e naquela tarde arrastei Mercedes até a videolocadora e alugamos toda a série de *A hora do pesadelo*, e, nessa noite e nas seguintes, tivemos que pedir a Narcisa que subisse para dormir conosco, porque Freddy se enfia nos seus sonhos e te mata no sonho e ninguém percebe, porque parece que você teve um infarto ou se afogou com sua saliva, uma coisa normal, e então ninguém nunca percebe que um monstro com dedos de facas afiadas é que te matou.

Ter certos irmãos é uma bênção. Ter certos irmãos é uma condenação: foi isso que aprendemos nos filmes. E que sempre há um irmão que salva o outro.

Mercedes começou a ter pesadelos. Narcisa e eu fazíamos tudo que era possível para silenciá-la, para que papai e mamãe não percebessem. Eles me castigariam: os filmes de terror, tudo é culpa do touro. Pobre minhoquinha, pobre Mercedita, que calvário ser irmã de semelhante animal, de uma menina tão pouco menina, tão indomável. Por que você não é mais parecida com a Mercedita, tão boazinha, tão quietinha, tão dócil?

Os pesadelos de Mercedes eram piores que qualquer um dos filmes que víamos. Tinham a ver com o colégio, com as freiras, as freiras possuídas pelo diabo, dançando peladas, tocando-se lá embaixo, aparecendo no seu espelho enquanto você escovava os dentes ou quando tomava banho. As freiras como Freddy, metidas nos seus sonhos. E nós nunca tínhamos alugado um filme sobre aquilo.

— E o que mais, Mercedes? — eu lhe perguntava, mas ela já não dizia nada, só gritava.

Os gritos de Mercedes perfuravam a pele. Pareciam uivos, arranhões, mordidas, coisas animais. Quando ela abria os olhos, ainda continuava lá, aonde quer que fosse lá, e Narcisa e eu a abraçávamos para que voltasse, mas às vezes ela demorava muito para voltar e eu pensava que mais uma vez, como quando estávamos na barriga da mamãe, eu estava lhe roubando algo. Mercedes começou a emagrecer. Éramos iguais, mas cada vez menos iguais, pois eu era cada vez mais touro, e ela, cada vez mais minhoca: com olheiras, encurvada, ossuda.

Eu nunca tive muito apreço pelas freiras do colégio nem elas por mim. Quer dizer, nós nos detestávamos. Elas tinham um radar para as *almas discolas*, usavam essa frase, e eu era isso, mas não me importava, discola parecia com disco e com Coca-Cola, e eu adorava as duas coisas. Eu odiava sua hipocrisia. Eram más e se fingiam de santas. Elas me mandavam apagar

todas as lousas do colégio, limpar a capela, ajudar a madre superiora a fazer sua beneficência, que nada mais era que repartir o que os outros, os nossos pais, doavam aos pobres, ou seja, intermediar para ficar com uma boa fatia, comer peixe do bom e dormir em edredom de plumas. E eu recebia castigo atrás de castigo porque perguntava qual o motivo de darem arroz aos pobres enquanto elas comiam corvina, e dizia que Nosso Senhor não gostaria disso porque ele fez os peixes para todos. Mercedes apertava meu braço e se punha a chorar. Mercedes se ajoelhava e rezava por mim com os olhos completamente fechados. Parecia um anjinho. Enquanto ela rezava a Ave-Maria, eu tinha vontade de fazer com que tudo se paralisasse por completo, porque eu achava que a prece da minha irmã era a única coisa que valia a pena no maldito mundo inteiro. As freiras diziam aos meus pais que minha irmã era perfeita para fazer parte da congregação, e eu a imaginava enclausurada naquela vida, como uma prisão de roupa horrível e grilhão de crucifixo enorme: não podia suportar aquilo.

Naquelas férias, nossa menstruação desceu. Primeiro para Mercedes, depois para mim. Foi Narcisa quem nos explicou como devíamos usar o absorvente porque mamãe não estava em casa, e ela riu quando começamos a andar como duas patas. Também nos disse, com todas as letras, que aquele sangue significava que, com a ajuda de um homem, já podíamos fazer bebês. Isso era absurdo. Ontem não podíamos fazer uma coisa tão insana como criar uma criança, e hoje podíamos. É mentira, dissemos a ela. E ela nos agarrou as duas pelos braços. As mãos de Narcisa eram muito fortes, grandes, masculinas. As unhas, longas e pontiagudas, eram capazes de abrir garrafas de refrigerante sem necessidade de abridor. Narcisa era pequena em tamanho e idade, apenas dois anos a mais que nós, mas parece que já tinha vivido umas quatrocentas vidas a mais. Estava nos machucando quando disse que agora sim que tínhamos que nos

preocupar mais com os vivos que com os mortos, que agora sim tínhamos que ter mais medo dos vivos que dos mortos.

— Agora vocês são mulheres — disse. — A vida não é mais uma brincadeira.

Mercedes começou a chorar. Não queria ser mulher. Eu também não, mas preferia ser mulher do que ser touro.

Uma noite, Mercedes teve um dos seus pesadelos. Já não eram freiras, mas homens, homens sem rosto que brincavam com seu sangue menstrual e o esfregavam pelo corpo e então surgiam por todos os lados bebês monstruosos, pequeninos como ratos, que a comiam aos bocados. Não havia maneira de tranquilizá-la. Fomos procurar Narcisa, mas a porta do quartinho estava fechada por dentro. Escutamos ruídos. Depois silêncio. Depois outra vez ruídos. Ficamos sentadas na cozinha, no escuro, esperando-a. Quando por fim a porta se abriu, nos lançamos sobre ela, necessitávamos tanto do seu abraço, suas mãos sempre com cheiro de cebola e coentro, sua frase apaziguadora de que era preciso ter mais medo dos vivos que dos mortos. A alguns centímetros do seu corpo, percebemos que não era ela. Paramos aterrorizadas, mudas, imóveis. O que havia entrado pela porta do quartinho não era Narcisa. Nosso coração pulava como uma bomba. Havia algo distante e próprio nessa silhueta que fez com que fôssemos tomadas por uma sensação física de nojo e horror.

Demorei para reagir, não consegui tapar a boca de Mercedes. Ela gritou.

Papai deu uma bofetada em cada uma de nós e subiu calmamente as escadas.

Nem Narcisa nem suas coisas amanheceram em casa.

